

Autismo e metáforas multimodais: impacto discursivo de ações e de concepções capacitistas

Autism and multimodal metaphors: discursive impact of actions and ableism conceptions

Alex Bezerra LEITÃO¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar a (co)construção metafórico-multimodal que advém do impacto discursivo de ações e de concepções capacitistas sobre o autismo. Para tanto, assumo uma aproximação entre a Análise de Discurso Crítica, orientada por Fairclough (2003, 2006), os estudos da metáfora conceptual, influenciados por Fauconnier e Turner (2003, 2008) e por Vereza (2010, 2017), a metáfora multimodal, encaminhada por Forceville (1988, 2009) e por Sperandio (2015), e a Sociolinguística Interacional, em consonância com Goffman (1998 [1979]) e com Tannen e Wallerstein (1998 [1987]). No âmbito da pesquisa qualitativa, o *corpus* desta pesquisa foi gerado a partir de discussões com pessoas autistas sobre um texto multimodal publicado na revista Saúde, em 2019, por meio da plataforma *WhatsApp*. Os resultados apontam que metáforas socioculturalmente situadas, instanciadas em práticas sociais que representam e que identificam pessoas autistas como 'solitárias', 'seres de outro planeta', 'anjo azul', subjazem a metáfora conceptual AUTISMO É ESTAR FORA, colaborando com a manutenção do capacitismo em estruturas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Metáforas multimodais. Capacitismo.

ABSTRACT: This article aims to investigate the multimodal-metaphor activation that comes from the discursive impact of actions and from ableism conceptions in relation to autism. Therefore, I adopt an approximation between Critical Discourse Analysis, guided by Fairclough (2003, 2006), the studies of conceptual metaphor, influenced by Fauconnier and Turner (2003, 2008) and by Vereza (2010, 2017), the multimodal metaphor, forwarded by Forceville (1988, 2009) and Sperandio (2015), and Interactional Sociolinguistics, in line with Goffman (1998 [1979]) and with Tannen and Wallerstein (1998 [1987]). Within the scope of qualitative research, the corpus of this research was generated from discussions with autistic people about a multimodal text published in the magazine Saúde, in 2019, through the WhatsApp app. The results show that sociocultural situated metaphors, instantiated in social practices that represent and identify autistic people as 'solitary', 'beings from another planet', 'blue angel', underlie the conceptual metaphor AUTISM IS BEING OUT, collaborating with the maintenance of the ableism in social structures.

KEYWORDS: Autism. Multimodal metaphors. Ableism.

Uma problematização introdutória

As investigações sobre o autismo são, relativamente, tardias. Elas tiveram início na segunda metade do século XX, a partir de estudos de Bleuler (1960 [1911]), de Kanner (1943) e de Asperger (1991 [1944]). Até então, como explica Tilio (2007), pessoas autistas eram estigmatizadas (rotuladas) por médicos/as e pela sociedade como loucas, incapazes,

¹ Professor colaborador pleno do programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB. E-mail: alexb.leitao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7024-2927>.

anormais, bandidas, dementes, retardadas, doentes mentais e endemoninhadas, para não usar outros termos ainda mais perversos, visando envergonhar “um grupo outsider, por ele não ficar à altura das normas do grupo superior, por ser anônimo em termos dessas normas” (ELIAS; SCOTSON, 2000 [1994], p. 27).

Em consequência da rotulação e do silenciamento de pessoas autistas, discuto a interface entre autismo, linguagem e sociedade, à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Sociolinguística Interacional (SI). Para tanto, apresento, neste artigo, reflexões tanto sobre perspectivas linguístico-discursivas quanto interacionais em torno da metáfora conceptual, além de analisar, com pessoas autistas, por meio de texto multimodal, a (co)construção metafórico-multimodal que mantém o *status quo* hegemônico e ideológico em relação a concepções capacitistas sobre o autismo.

Este artigo está dividido em três seções: i) na primeira, discuto sobre perspectivas linguístico-discursivas e interacionais, aproximando pontos de encontro entre abordagens semânticas e pragmáticas na área de estudos da metáfora conceptual; ii) na segunda, apresento lentes metodológicas que vão ao encontro de um hibridismo analítico que incorpora orientações tanto da ADC quanto da SI; e iii) na terceira, analiso a (co)construção metafórico-multimodal em relação a concepções capacitistas representadas e identificadas, a partir da leitura de texto multimodal, por colaboradores/as autistas.

A pergunta de pesquisa que motivou a consecução deste artigo foi a seguinte: ‘De que forma pessoas autistas estão lendo textos multimodais publicados na mídia em relação a concepções médicas (patologizantes) do autismo?’. Amparado pela ADC e pela SI, em torno de reflexões acerca da metáfora e da multimodalidade, na próxima seção adentro em pontos de encontro dessas perspectivas teóricas, com o intuito de, em seções subsequentes, apresentar escolhas metodológicas para a análise dos dados gerados.

Perspectivas linguístico-discursivas: entre fronteiras semânticas e pragmáticas

Na interface dos estudos discursivos, semântico-cognitivos e pragmáticos, esta seção tem como objetivo promover aproximações entre essas áreas, haja vista a complexidade fronteiriça dos estudos da linguagem. Para tanto, articulo breve discussão entre a ADC, a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a multimodalidade e os estudos sociointeracionais, visando ao encontro de perspectivas discursivo-semânticas dessas áreas híbridas.

A ADC, segundo Resende (2020, p. 571), “não constitui uma teoria ou um método para o estudo crítico da linguagem na sociedade, mas um corpo heterogêneo de abordagens”, que, em pesquisas na América Latina, tem se comprometido com o debate de relações entre discurso e abuso de poder. Inscrita nessa agenda latino-americana, este artigo, ao adotar a perspectiva faircloughiana de 2006, visa a analisar o modo como instâncias discursivas (anti)capacitistas impactam na constituição de estruturas sociais que demarcam fronteiras entre a tipicidade e a atipicidade humana, colaborando para a desestabilização ou para a manutenção de abuso de poder em um mundo globalizado.

No modelo de ADC para a análise social apresentado por Fairclough (2006), há três níveis de abstração que devemos considerar: eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais. De acordo com o autor (2006), cada um desses níveis de abstração “tem um momento semiótico que está dialeticamente relacionado a outros momentos [também semióticos]”. Nesse sentido, “os textos constituem o momento semiótico de

eventos sociais. As ordens do discurso são o momento semiótico da prática social e as estruturas sociais, da linguagem” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 146).

Como o texto é a unidade mínima de análise em ADC (FAIRCLOUGH, 2003, 2006), partimos da sua materialidade (eventos sociais) para investigar a (co)construção metafórico-multimodal instanciada em estruturas sociais por meio do discurso como momento da prática social, estabelecido pela dialética entre três modos relativamente estáveis de: i) (inter)agir, por meio de gêneros discursivos; ii) de representar aspectos do mundo, a partir de discursos; e iii) de ser, mediante estilos e identidades (FAIRCLOUGH, 2003, 2006).

Apesar de Fairclough (2003, 2006) sugerir que a ADC utilize de forma consistente a linguística sistêmico-funcional para a análise desses modos relativamente estáveis de significação, destacando o trabalho de Halliday (1985) para a análise de discurso textualmente orientada, este artigo se desloca desse eixo analítico e se projeta em um paradigma crítico (BLOMMAERT; BULCAEN, 2000) que investiga instâncias metafóricas sociointeracionais (nível micro) sobre a interpretação da produção, da distribuição e do consumo de textos que estão no nível macro. Ou seja, como analista crítico de discurso, assumo o entendimento de Derrida (2001 [1996]) de que é preciso transcender o “monolinguismo” analítico do eu pesquisador/a para a análise textual, tendo em vista que a ADC é constituída por um corpo heterogêneo de abordagens (RESENDE, 2000) que não é fixo e que obedece a uma agenda de produção de conhecimento aberta e em transformação.

Por conseguinte, esta investigação parte do outro, como sugerem Blommaert e Bulcaen (2000), para encaminhar perspectiva em ADC que considere o contexto tanto no nível micro quanto no nível macro (HANKS, 2017 [2008]) para a análise social, levando em consideração a dimensão contextual intersubjetiva (VAN DIJK, 2012 [2011]) e tendo como ponto de partida a partilha de metáforas que se instanciam em eventos, em práticas e em estruturas sociais. Mas qual é o entendimento de metáfora assumido neste artigo?

Influenciado por Richards (1936 [2015]) e por Black (1955 [2015]), comungando com o posicionamento de Reddy (1979) de que havia a necessidade de se construir uma teoria conceptual em torno da metáfora, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) desenvolveram a noção de que é impossível pensarmos sem a metáfora, já que ela permeia nossas vidas diárias, nossos pensamentos e nossas ações, sendo, portanto, conceptual. De fato, entendo que a metáfora é conceptual porque ela, além de conceptualizar um termo em relação ao outro, sistematiza todo pensamento humano, sendo considerada, assim, como produto da cognição humana experienciada. Nos estudos da metáfora, cabe mencionar que existem agendas e diferentes encaminhamentos teóricos, metodológicos e analíticos. Nesse sentido, a que movimento metafórico este artigo se inscreve?

Dois movimentos discursivos permeiam este artigo. O primeiro movimento, preconizado por Charteris-Black (2004, 2006), tem a intenção de analisar aspectos ideológicos de sentidos metafóricamente (não) estruturados pelo plano verbal, principalmente em discursos políticos, alinhando-se à agenda dos estudos em ADC. De acordo com o Charteris-Black (2006), a metáfora discursiva crítica tem a intenção de analisar conceptualizações de problemas (entendidos por mim como obstáculos) sociais, que são fundamentais no processo de sustentação do poder e de manutenção de relações ideológicas transparentes ou veladas. Tais estudos, portanto, investigam a dimensão específica da ideologia materializada em discursos metafóricos e analisam o seu impacto em relações de poder, haja vista que, de acordo com Charteris-Black (2004, p. 23), metáforas “são cruciais no processo de influenciar o caminho em que problemas são conceptualizados”.

O segundo movimento da metáfora discursiva assumido neste artigo refere-se ao entendimento de Vereza (2010, 2017) em relação à metáfora socioculturalmente situada, que pode ser entendida como desdobramentos de uma única metáfora superordenada, que busca articular cognição, discurso, sistema e uso. Devido à complexidade dessa articulação, Vereza (2010, p. 188) explica que as metáforas conceptuais “são criados a partir de uma única (explícita ou implícita) [metáfora] que as une semântica e discursivamente” mediante redes de sentido que se formam textualmente, articulando o caráter dinâmico, fluido e criativo da metáfora a instâncias mais estáveis de nosso sistema conceptual.

Em relação ao encontro da ADC com a metáfora discursiva crítica, Resende (2020) defende que “a abordagem semântica cognitiva formulada por Lakoff e Johnson precisa ser complementada com uma análise de fatores pragmáticos, que não perca de vista o fato de as metáforas serem usadas em situações discursivas que definem seu papel”. Nesse sentido, os trabalhos de Charteris-Black (2004, 2006), assim como o de Resende (2020), analisam aspectos ideológicos de sentidos metafóricos por meio de textos que se materializam no plano verbal, sob a orientação de Chouliaraki e Fairclough (1999), que colaboram com estudos pragmáticos e críticos. Em conformidade com Resende (2020) e com a concepção de Charteris-Black (2004) de que a metáfora deve incluir critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos, inscrevo este artigo na esteira dos estudos discursivos que entendem que há uma dinâmica emergente, fluida e sociointeracional, que tangencia a análise social e que também se instância no plano não verbal.

A propósito, ao se distanciar de análises metafóricas ancoradas no plano verbal, Forceville (1988) propõe que novas pesquisas privilegiem o âmbito pictórico, enfatizando a análise metafórica da linguagem não verbal por meio de quadros do movimento artístico do Surrealismo. Segundo esse autor (1988), a análise de metáforas pictóricas é mais dependente de contextos situacionados do que os estudos da metáfora do plano verbal. Para chegar a essa conclusão, convém explicar que Forceville (1988) teve acesso aos poucos textos publicados de 1980 (ano da publicação da obra *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson) a 1988 (ano da publicação de seu artigo), uma vez que os exemplos descontextualizados de metáforas conceptuais daqueles estudos, segundo Forceville (1988), se baseavam, principalmente, na decodificação da experiência corporificada do processamento da mente humana da cultura estadunidense. Cabe ressaltar que, na agenda de pesquisa dos estudos metafóricos em qualquer perspectiva discursiva, o contexto (HANKS, 2017 [2008]; VAN DIJK 2012 [2011]) é relevante para a análise tanto do plano verbal quando do não verbal.

Ainda em relação às suas próprias inquietações, Forceville (2009) explica que uma nova geração de pesquisadores/as, na qual eu me incluo, tem demonstrado interesse em discutir acerca da metáfora pictórica, também denominada pelo autor como metáfora multimodal. De acordo com Forceville (2009, p. 381), esses/as investigadores/as têm como objetivo “discutir questões que vêm sendo omitidas por estudiosos/as da metáfora que não consideram pertinentes pesquisas que vão além do plano metafórico verbal”.

Como explica Sperandio (2015), apesar de os estudos de Forceville, em geral, terem impulsionado pesquisas que visem a análises metafóricas presentes em textos multimodais, a maioria dos trabalhos que têm como objetivo estudar a TMC ainda preferem investigações textuais nas quais expressões metafóricas se realizam no plano verbal. Desse modo, Forceville inova ao propor investigações que analisem outros modos que transcendem o verbal.

No entanto, Sperandio (2015) argumenta que, embora a maioria dos trabalhos de Forceville inove ao vislumbrar pesquisas que transcendem a análise metafórica

verbal, os estudos do autor focalizam apenas metáforas multimodais visuais ou verbo-visuais, dado que o autor ainda não apresentou interesse em investigar outros domínios metafóricos, “ficando preso apenas nas ocorrências metafóricas multimodais que possuem cada domínio construído por um modo semiótico diferente” (SPERANDIO, 2015, p. 5). Diante disso, a autora (2015) propõe o estudo acerca da sobreposição modal na constituição de cada domínio metafórico, analisando, dessa forma, não apenas diferentes domínios metafóricos que transcendem o plano textual verbo-visual, mas também o processo “resultante da sobreposição dos modos verbal, imagético e da cor na construção de domínios fonte e alvo dessas metáforas” (SPERANDIO, 2015, p. 5).

Dessa forma, este artigo adota a noção de sobreposição modal proposta por Sperandio (2015), pois analisar o processo de um modo em relação ao outro nos auxilia na compreensão do que entendemos como convergência modal, conjunto de metáforas que se realizam em planos textuais modais verbais e/ou não verbais, haja vista a densidade (NORRIS, 2019) e a dinamicidade de metáforas para a construção de sentidos.

Essa intensidade modal, que varia de acordo com o contexto (HANKS, 2017 [2008]; KÖVECSSES, 2015; VAN DIJK, 2012 [2011]) no qual o/a ator/a social interage, permite-me fazer interface nesta pesquisa com a proposta de Fauconnier e Turner (2002, 2003, 2008) em relação à Teoria da Integração Conceptual, entendida como uma expansão da TMC. Segundo os autores (2002, 2003, 2008), a integração, *mesclagem* ou *blending* conceptual é uma operação cognitiva em que dois ou mais espaços mentais (*inputs*) distintos partilham de uma estrutura conceptual comum. Em outras palavras, o domínio fonte X, usado para compreender o domínio alvo Y na conceptualização metafórica, junta-se ao domínio Y para gerar algo novo.

O estudo de Unternbäumen (2018) é um exemplo de *mesclagem* em relação à *World Wide Web* (www), que em português significa rede de alcance mundial, cujo sistema em hipermídia permite que várias mídias sejam interligadas por sistemas eletrônicos de comunicação e executadas na *Internet*. Para o autor (2018), afirmar que WWW É UM ESPAÇO não significa dizer apenas que X=Y, uma vez que os domínios conceptuais (fonte e alvo) são compostos por uma densa rede metafórica de forma integrada, dentre os quais o autor (2014) cita: i) PERCEPÇÃO É CO-PRESENÇA, já que solicitamos livros, compramos objetos, entramos no *moodle* para falar com outras pessoas *etc.*, como se estivéssemos em interação *online*, face a face, com nossos corpos presentes no mesmo espaço físico; ii) CLICAR É CAUSAR O PRÓPRIO MOVIMENTO, pois entramos, surfamos, navegamos e exploramos *sites* (lugares) sem sairmos de nossas cadeiras; iii) além de outros domínios conceptuais metafóricos relacionados ao espaço, tais como PENSAR É MOVER-SE NO ESPAÇO, PENSAR É MANIPULAR OBJETOS NO ESPAÇO, TEMPO É ESPAÇO, IDEIAS SÃO PONTOS NO ESPAÇO, COMPREENDER É SEGUIR O MOVIMENTO DE UM OBJETO NO ESPAÇO.

Posto isso, defendendo que, da mesma forma que um modo se sobrepõe ao outro (SPERANDIO, 2015), o resultado da convergência modal pode ter mais ou menos intensidade modal, assim como nosso sistema conceptual também pode ser composto por uma densa rede metafórica (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, 2003, 2008) para a construção de sentidos. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), a *mesclagem* metafórica é composta por elementos *inputs* que, além de se beneficiar de metáforas conceptuais compartilhadas culturalmente, permitem que novas entradas (*inputs*) surjam, tendo em vista projeções do contexto intersubjetivo (VAN DIJK, 2012 [2011]) de produzir e de processar outros domínios metafóricos em função da convergência modal.

Ainda segundo Fauconnier e Turner (2002), esses *inputs* ativam uma espécie de compressão, com o intuito de facilitar nosso processamento do espaço genérico e de não sobrecarregar nossa memória em relação ao tempo, ao espaço, à relação entre causa e

efeito, à intencionalidade, à analogia, à relação metonímica parte-todo *etc.*, desencadeando uma espécie de espaço de integração (mesclagem, *blending*). Posteriormente, Fauconnier e Turner (2008) ampliam a teoria da integração auxiliando-nos no entendimento metafórico de que existem algumas relações emergentes/periféricas que transcendem a relação de apenas dois domínios (alvo e fonte). Dessa noção, deriva um processo de composição de *inputs* metafóricos que coincide com a ideia de Vereza (2010, 2017) acerca da metáfora socioculturalmente situada, uma vez que tanto *inputs* metafóricos (ou com potenciais metafóricos) quanto metáforas socioculturalmente situadas convergem em direção a um processo de integração metafórica.

Em consonância com a ideia de Lakoff e Johnson (2003 [1980], p. 114) de que a metáfora é compreendida na relação entre um domínio que costuma ser mais abstrato (alvo) e um domínio que tende a ser mais concreto ou físico (fonte) e “que está diretamente relacionado às nossas experiências”, compartilho da ideia de Vereza (2010) de que devemos zelar pela emergência deliberada e descuidada da metáfora conceptual, a fim de não cairmos em armadilhas de conceptualizações que não passam apenas de metáforas socioculturalmente situadas.

Ainda de acordo com Vereza (2017, p. 568), a distinção entre metáforas conceptuais e metáforas socioculturalmente situadas é relevante porque “implica questões sobre a convencionalidade, a disseminação sociocognitiva e discursiva e o grau de deliberabilidade e/ou consciência no uso da metáfora”, que evocam operacionalizações ideológicas que se instanciam, por meio de práticas sociais, em estruturas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, 2006) catalizadoras de orientações econômicas, políticas, culturais, sociais e, inclusive, da tipicidade humana biopsicossocial.

Em relação à ideologia, distanciando-se da noção de erro e de ilusão sustentada nos escritos de Marx, Thompson (2011 [1990], p. 90) explica que sua concepção “enfoca as maneiras como o sentido, construído e transmitido através das formas simbólicas de vários tipos, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”, assumindo não apenas o sentido negativo e assimétrico da ideologia, mas também o crítico. Para o autor (2011 [1990]), o sentido crítico refere-se a usos simbólicos e a relações entre interpretação e autorreflexão, “representando uma forma de resistência, embora parcial e não articulada como tal, a um conjunto de relações sociais que são estruturadas assimetricamente, e experimentadas como insatisfatórias” (THOMPSON, 2011 [1990], p. 401).

Dessa forma, a ideologia, por possuir sentido negativo e assimétrico, sustenta relações de dominação e, com relação ao seu sentido crítico, pode representar resistência e influenciar, segundo Fairclough (1995, p. 82), práticas discursivas “na medida em que elas contribuem para sustentar ou para enfraquecer relações de poder”. As relações assimétricas de poder com o acionamento ideológico por metáforas, de acordo com Thompson (2011 [1990], p. 401), “pode dissimular relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos e grupos nelas implicados, como possuidoras de características que elas, literalmente, não possuem”, acentuando, conseqüentemente, certas características às custas de outras e impondo sobre elas um sentido positivo ou negativo.

É nesse sentido que, neste artigo, além de investigar domínios da metáfora multimodal (FORCEVILLE, 1988, 2009; SPERANDIO, 2015) à luz da ADC (CHARTERIS-BLACK, 2004, 2006; FAIRCLOUGH, 2006), analiso como diferentes modos (verbal, não verbal, cores) são mesclados (FAUCCONNIER E TURNER, 2002, 2003, 2008) e convergem para a manutenção, sentido negativo, ou para a desestabilização, sentido crítico, da ideologia (THOMPSON, 2011 [1990]). Para tanto, com o intuito de analisar um texto multimodal divulgado em página *web* de domínio público da revista Saúde que versa sobre o autismo, conto com a leitura de pessoas



autistas sobre esse texto. Os desdobramentos da leitura desse texto multimodal por pessoas autistas são investigados a partir de *frames* e de *footings* que emergem na interação, apoiando-me em estudos da SI, em consonância com a inclusão da perspectiva interacional para a análise social sugerida por Fairclough (2003, 2006). Mas quais são os pressupostos para a análise interacional que este artigo assume?

Ao aprofundar aspectos pragmáticos e interacionais, Gumperz (1998 [1982]) assinala que *frames* são conceitos relacionais dependentes do contexto (VAN DIJK 2012 [2011]) dos sujeitos interagentes, e não mera sequência de eventos. Esse posicionamento é ampliado por Tannen e Wallat (1998 [1987], p. 122), que compartilham da ideia de que colaboradores/as “não são emissores e receptores isolados de mensagens”, mas sim agentes cujas “ações e intenções de significado podem ser entendidas somente com relação ao contexto imediato, incluindo o que acontece e o que pode sucedê-lo”. Assim, o que acontece no *frame* interacional nos fornece pistas sobre quem são os sujeitos interagentes, sobre como se estabelece o estatuto da interação (simétrica ou assimétrica) e sobre a que pressupostos essa interação se ancora.

Por entendermos que a referenciação que advém do *frame* cognitivo-semântico privilegia apenas o acionamento da estrutura do enquadre conceitual, advogo pela articulação de diferentes metáforas que emergem, também, por meio da partilha de *frames* interacionais. Desse modo, sustento que os estudos sociointeracionais são compatíveis com o caráter sociocognitivo apresentado por Vereza (2010, 2017), uma vez que é em cenas interacionais que sujeitos constroem sentidos, subsidiados por convenções de contextualização, que são “pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor” (GUMPERZ, 1998 [1982], p. 98).

Tais pistas de contextualização costumam operar de forma dinâmica em função do *footing* interacional que, de acordo com Goffman (1998 [1979]), corresponde ao alinhamento, à postura, à projeção do ‘eu’ em relação ao outro, consigo mesmo e com o discurso em construção. Desse modo, o *footing* caracteriza o aspecto dinâmico dos *frames* interacionais e de sua natureza discursiva, além da inclinação e da projeção do ‘eu’ como produto da face (boa-fé), podendo ser introduzidos, negociados, ratificados (ou não), simultâneos, colaborativos, homônimos, conflitantes, co-sustentados e modificados na interação (GOFFMAN, 1998 [1979]). Em uma cena interacional, diversos alinhamentos emergem para a manutenção do *frame* interacional, inclusive o estado de silêncio na conversa, e podem desencadear a mudança em nosso enquadre de eventos discursivos.

Por tudo o que foi exposto, na próxima seção delinheiro o percurso metodológico assumido para a construção deste artigo

Por lentes metodológicas

Para a geração de dados deste artigo, amparado no paradigma da pesquisa qualitativa interpretativista, que segundo Denzin e Lincoln (2006 [2003], p. 291) supõe que “o significado da experiência humana nunca possa ser plenamente revelado”, este estudo também adota a perspectiva crítica, que, ainda segundo os autores (2006 [2003], p. 291), “oferece uma metodologia para despertar uma consciência crítica através da análise de temas gerativos da atualidade”. Ancorada na abordagem etnográfica da pesquisa qualitativa, que segundo Heath e Street (2008, p. 21) pressupõe o rastreamento, a descrição e a enumeração de “modalidades como recursos semióticos e suas combinações”, este artigo se inscreve na modalidade netnográfica, uma vez que utiliza interações “mediadas por computador como fonte de dados para chegar à



compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETTS, 2014 [2010], p. 62).

Por conseguinte, a análise interpretativa e crítica deste artigo têm como *corpus* discussões com pessoas autistas em um grupo que montei pelo aplicativo *WhatsApp* para analisarmos um texto multimodal publicado na revista Saúde, em 28 de novembro de 2019, acerca de sinais do autismo. O critério adotado para a escolha desse texto multimodal está relacionado com a circulação da temática do autismo em uma revista que possui abrangência nacional. As discussões foram realizadas no dia 14 de setembro de 2020. Sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília, no dia 13 de novembro de 2018, quatro colaboradores/as autistas do ativismo neurodiverso assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a geração de dados desta pesquisa, em setembro de 2020.

Seguem os pseudônimos e um breve perfil desses/as colaboradores/as: i) Eliz, 29 anos, natural de Campo Mourão (Paraná), cantora e cega, tinha hiperfoco em pessoas, desenvolvendo apego por algumas delas; ii) Rosa, 37 anos, natural de Teresina (Piauí), fotógrafa, gostava de assistir a doramas (dramas em língua japonesa) e de fotografar; iii) Locke, 28 anos, natural de Santos (São Paulo), gravava conteúdos sobre autismo na plataforma *Youtube* e gostava de jogar *videogames*; e iv) Catarina, 31 anos, natural de Paraguaçu Paulista (São Paulo), morava em Paris desde 2014, e tinha hiperfoco em moda.

Para a análise dos dados, sob a orientação teórico-metodológica da ADC, da mesclagem metafórica, dos modos de operacionalização da ideologia e da SI, foram adotados, respectivamente, os seguintes encaminhamentos analíticos em relação: i. a eventos sociais (textos empíricos), a práticas sociais (representações e identificações) e a estruturas sociais (campos sociais hegemônicos); ii. ao espaço genérico (eventos compartilhados), aos espaços *inputs* (espaços mentais de ativação metafórica) e ao espaço de mesclagem metafórica (resultado dos espaços *inputs*); iii. às estratégias de unificação (padronização) e de fragmentação (diferenciação e expurgo do outro); e iv. a *frames* (enquadres) e a *footings* (alinhamentos) interacionais

“Como se a pessoa autista não crescesse e não vivesse em sociedade”

Apesar de o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5, DSM 5 (APA, 2014), nos indicar encaminhamento conceptual em direção à variabilidade que advém da noção de ‘espectro’ autista, a visão de que essas pessoas seguem determinado padrão ainda é produzida, distribuída, interpretada e consumida por meio de veículos de comunicação, perpetuando estereótipos e representações patologizantes. No texto multimodal apresentado a seguir, de novembro de 2019, publicado na Revista Saúde, analiso a (co)construção metafórico-multimodal em relação a essas concepções, a partir da leitura de colaboradores/as de pesquisa autistas, por meio de discussões em um grupo do aplicativo na multiplataforma *WhatsApp*.

Figura 1: Concepções do autismo

Fonte: Revista Saúde (2019). Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/>. Acesso em: 02 de jan. de 2022.

Como podemos observar, o texto da Figura 1 apresenta imagem com um desenho de um menino sozinho, sentado de forma curvada, com as mãos sobre os joelhos, em um planeta azul turquesa, durante o período noturno. Essa criança é branca, veste camiseta amarela com bolinhas vermelhas e uma bermuda branca, com listas azuis. O céu é azul escuro, há estrelas brancas e um cometa amarelo que passa, aparentemente, de forma despercebida, à esquerda do garoto.

Para iniciar as discussões da figura 1, lancei duas perguntas aos/às colaboradores/as de pesquisa: i) Quais são as representações do autismo nessa imagem? ii) O que você acha dessa imagem para representar o autismo? A partir dessas perguntas, propus o início das discussões e Rosa foi a primeira a alinhar-se às perguntas desse *frame* interacional (TANNEN; WALLET, 1998 [1987]), comentando que “a postura curvada parece inferir tristeza. O menino está sobre um planeta azul e sob um céu azul, indicando forte referência à visão masculina do autismo”.

Ratificando o *footing* (GOFFMAN, 1998 [1979]) desse *frame* interacional instigado por Rosa, Eliz o ampliou, em mensagem de áudio, ao afirmar: “Acrescentando que... é... algumas coisas que a Rosa falou e que eu não tinha me dado conta, né?, como a parte do azul e de que o menino tá encurvado, MAS também a parte de que ele não tá prestando atenção o que passa do lado dele é..., DÁ a impressão, né?... de que o autista é uma pessoa muito no mundo dele, como eles dizem”.

Alinhada ao *footing* de Rosa e de Eliz, Catarina explicou que também percebia “alguns estereótipos na imagem: o azul como cor preponderante, a expressão do garoto que parece triste”, acrescentando o *footing* de ele “estar alheio à estrela cadente e sozinho”, ao qual Locke se alinhou e explicou que “representa a geração índigo, que são tidas, para quem acredita em temas espirituais, como pessoas especiais, o que se associa muito com a analogia de ‘anjo azul’, mas que são meramente exemplificações da validação pessoal”.

Ainda nesse *frame* interacional, Locke acrescentou que outro ponto que lhe chamou a atenção foi “sobre o menino, uma figura infantil que representa, de acordo com uma mensagem que visa dominação por parte dos neurotípicos, um senso comum do que poderia ser o autista, como se a pessoa autista não crescesse e vivesse em sociedade”. Esse *footing* alertado por Locke é ratificado por Catarina: “É, lendo agora eu concordo que o fato de ser uma criança e não um adulto é parte dos estereótipos (...) Como se a gente não ‘crescesse’ e continuássemos sempre crianças, sempre dependentes”.

Como podemos observar, os eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003, 2006) do texto da figura 1 e do *frame* interacional analisado, cujo espaço genérico (FAUCONNIER; TURNER, 2002, 2003, 2008) é o ‘autismo’, apresentam *inputs* que advêm de diversas semioses, explicitadas nos *footings* elencados pelos/as colaboradores/as desta pesquisa, por meio de metáforas socioculturalmente situadas (VEREZA, 2010, 2017) do tipo: ‘Autismo é encolher-se’, ‘Autismo é estar sozinho’, ‘Autismo é não interagir’, ‘Autismo é estar em outro planeta’, ‘Autismo é não perceber o que acontece em seus arredores’, ‘Autismo é anjo azul’.

Esses *inputs*, em convergência modal, instanciam-se em práticas sociais (ordens do discurso) que subjazem a metáfora mesclada (FAUCONNIER; TURNER, 2002, 2003, 2008), conceptual e criativa (GIBBS, 1994) AUTISMO É ESTAR FORA, “associada à corporeidade e à maneira como nosso ser biológico permite a estruturação de nosso ser social” (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 38), referindo-se à noção espacial do tipo dentro/fora.

Dessa forma, as práticas sociais dos eventos analisados, que de acordo com Fairclough (2003, 2006) referem-se às ordens do discurso, por meio de metáforas socioculturalmente situadas, apresentam modos relativamente estáveis de como pessoas autistas são e de como são representadas, convergindo para a metáfora mesclada AUTISMO É ESTAR FORA, que orienta a manutenção do capacitismo na estrutura social (FAIRCLOUGH, 2003, 2006). Esse domínio alvo de ‘estar fora’, como sugerem os dados advindos dos *footings* analisados, carrega, discursivamente, outras implicações, como tristeza, ser do sexo masculino e ser criança.

Ao concebermos esse tipo de metáfora (AUTISMO É ESTAR FORA), como postula Sperandio (2015), precisamos avançar em relação à sobreposição modal, ainda que essa não seja a preocupação de Forceville (1988, 2009), dado a constituição complexa na qual metáforas se articulam com outras semioses. Assim sendo, sobre o domínio alvo autismo, representado na figura do garoto sozinho, há um contorno da cor azul ao redor do seu corpo, que se harmoniza com o azul escuro da noite e com o planeta azul claro no qual o garoto vive triste e sozinho, como consequência do domínio fonte ‘estar fora’.

Esse tipo de harmonização, no entanto, tende a atribuir a concepção do autismo a uma condição infantil do gênero masculino, consolidando pesquisas que indicam que há maior prevalência do autismo sobre esse gênero. Por conseguinte, esse encaminhamento discursivo omite ou quer silenciar a manifestação do espectro em outras configurações (autismo feminino, transgênero ou adulto, por exemplo), coincidindo com uma configuração modal que leva a estereótipos capacitistas em relação ao gênero e à idade da pessoa autista.

Posto isso, ao conceber o autismo dessa forma, esse texto multimodal da reportagem Revista Saúde da editora Abril, que tem como objetivo promover informações sobre saúde e bem-estar das pessoas, não se alinhou à variabilidade que prevê a noção do espectro autista e preferiu manter, em conformidade com os *frames* interacionais analisados, representações e identificações de práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, 2006) que contribuem com a visão estereotipada de que pessoas autistas vivem em outro planeta e de que não interagem.

A mobilização desse tipo de prática social estereotipada, além de usar da estratégia de padronização da condição autista, operacionalizada pela unificação da ideologia, determinando

como são as pessoas autistas, usa a estratégia de diferenciação do outro, operacionalizada pela fragmentação, em conformidade com pressupostos de Thompson (2011 [1990]), uma vez que estabelece a divisão entre pessoas neurotípicas e neuroatípicas. As mobilizações dessas estratégias ideológicas estabelecem e sustentam relações de dominação e contribuem para a produção, a reprodução, a distribuição e o consumo da padronização da representação da condição humana do outro, orientando nossa atuação no campo social e ratificando a relação patologizante entre autismo e transtorno, como ocorre no DSM 5 (APA, 2014).

Considerações finais

Neste artigo, investiguei o impacto de ações e de concepções em relação ao autismo, a partir da leitura de um texto multimodal publicado na revista Saúde, em novembro de 2019, sob lentes de pessoas autistas. Para a geração de dados, amparado no paradigma da pesquisa qualitativa interpretativista, assumi a abordagem netnográfica, e discuti com pessoas autistas do ativismo neurodiverso, em um grupo de *WhatsApp*, acerca de representações e de identificações do autismo.

De acordo com a análise realizada, com o intuito de responder à pergunta “De que forma pessoas autistas estão lendo textos multimodais publicados na mídia em relação a concepções médicas (patologizantes) do autismo?”, foi possível concluir que práticas sociais hegemônicas distribuem significações sobre os modos relativamente estáveis de (inter)agir, de representar e de ser de pessoas autistas de forma capacitista. Por conseguinte, esse agenciamento do capacitismo, por meio da investigação de *footings* e de *frames* interacionais com pessoas autistas, apontou que o evento social divulgado na página *web* da revista Saúde colaborou com a produção, com a manutenção, com a distribuição e com o controle da maneira como corpos neurodiversos são identificados e representados em práticas sociais, favorecendo a reificação de estruturas sociais capacitistas.

Em relação a mitos sobre o autismo, as discussões da interação mediada *online* revelaram metáforas socioculturalmente situadas (VEREZA, 2010, 2017) do tipo: ‘Autismo é encolher-se’, ‘Autismo é estar sozinho’, ‘Autismo é não interagir’, ‘Autismo é estar em outro planeta’, ‘Autismo é não perceber o que acontece em seus arredores’, ‘Autismo é anjo azul’. Essas metáforas socioculturalmente situadas, em convergência modal, instanciam-se em práticas sociais (ordens do discurso) que representam e que identificam, de forma dialético-relacional, pessoas autistas como ‘solitárias’, ‘seres de outro planeta’, ‘anjo azul’, além de negarem a possibilidade de significação (inter)acional ‘Autismo é não interagir’.

Tais *inputs* situados subjazem a metáfora mesclada (FAUCONNIER; TURNER, 2002, 2003, 2008), conceptual e criativa (GIBBS, 1994) AUTISMO É ESTAR FORA, orientando a manutenção do capacitismo em estruturas sociais que, por meio da estratégia de padronização da condição autista e da estratégia de diferenciação do outro, em conformidade com Thompson (2011 [1990]), estabelecem a divisão entre pessoas neurotípicas e neuroatípicas. Em consequência disso, esses *inputs* situados estigmatizam a forma como pessoas autistas interagem, impactando no modo como elas são identificadas e representadas, contribuindo com a distribuição, com o consumo e com controle do capacitismo estrutural.

Referências

- American Psychiatric Association. *DSM 5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: APA, 2014.
- ASPERGER, H. Autistic psychopathy in childhood. *In: FRITH, U. (Ed.). Autism and Asperger syndrome*. London: Cambridge University Press, 1991 [1944]. p. 37-92.
- BLACK, M. *Metaphor: meeting of the Aristotelian society*. Oxford: Willey-Blackwell, 1955 [2015].
- BLEULER, E. *Demência precoce: el grupo de las esquizofrenias*. Tradução de Daniel Wagner. Buenos Aires: Ediciones Horné, 1960 [1911].
- BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. Critical Discourse Analysis. *Annu. Rev. Anthropol.*, v. 29, p. 447-466, 2000.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches for Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave, 2004.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor*. London: Palgrave – Macmillan, 2006.
- DERRIDA, J. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Tradução de F. Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001 [1996].
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Tradução: S. R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006 [2003].
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 [1994].
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London/New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. Conceptual blending: form and meaning. *Recherches en communication*, Louvain, Bélgica, n. 19, p. 57-86, 2003.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking Metaphor. *In: GIBBS, R. W. Jr. (Ed.). The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.
- FORCEVILLE, C. The case for pictorial metaphor: René Magritte and other Surrealists. *Vestnik IMS*, v. 9, p. 150-160, 1988.



FORCEVILLE, C. *Applications of Cognitive Linguistics: Multimodal Metaphor*. New York: Mouton De Gruyter, 2009. p. 19-42.

GIBBS, R. *The Poetics of Mind*. New York: Cambridge University Press, 1994.

GOFFMAN, E. Footing. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1979]. p. 11-15.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1982]. p. 149-182.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HANKS, W. F. O que é contexto? *In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. R. (Orgs.). Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2017 [2008]. p. 169-203.

HEATH, S. B.; STREET, B. V. *On ethnography: approaches to language and literacy research*. New York: Teachers College Press, 2008.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, n. 1, p. 217-250, 1943.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisas etnográficas on-line*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago, 2003 [1980].

NORRIS, S. *Systematically Working with Multimodal Data: Research Methods in Multimodal Discourse Analysis*. West Sussex, UK: John Wiley & Sons, 2019.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. *In: ORTONY, A. (Ed.). Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.

RESENDE, V. M. Deslocamento forçado e permanência vigiada, território e fronteira: metáforas de espaço na representação de rua na Folha de São Paulo. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, p. 565-596, 2020.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. New York: Oxford University Press, 1936.

SPERANDIO, N. E. A multimodalidade no processo metafórico: uma análise da construção das metáforas multimodais. *Antares*, v. 7, n. 14, p. 3-38, 2015.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. *In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). Trad. Parmênio Camurça Citó. Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1987]. p. 183-214.



THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUC-RS. Rio de Janeiro: Vozes, 2011 [1990].

TILIO, R. “A querela dos direitos”: loucos, doentes mentais e portadores de transtornos e sofrimentos mentais. *Paldeia*, v. 17, p. 195-206, 2007.

UNTERNBÄUMEN, E. H. The gramatical codification of self-movement in cyberspace: a phenomenological-cognitivist study. *D.E.L.T.A.*, v. 34, N. 4, p. 1105-1133, 2018.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012 [2011].

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. C. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 16, n. 3, p. 561-573, 2017.

